

O riso brincante do Nordeste

Oswald Barroso *

* Oswald Barroso é Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e Professor da Universidade Estadual do Ceará. Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE. Email: oswaldbarroso@gmail.com

Resumo |

O riso brincante é o riso popular, considerado um puro jogo dentro das regras da improvisação. É o riso dos bois, reisados, dramas, festas e folguedos populares, no qual o mundo é invertido e toda verdade é relativizada. Também é o riso do carnaval popular, quando a empáfia, o autoritarismo e todas as deformações da alma humana são postas em ridículo, aplainadas pela crítica mordaz da alegria do povo.

Palavras-chave: Teatro. Brincante. Comédia. Tradições populares.

Abstract |

The joking laughter is popular laughter, pure game within the rules of improvisation. It is the laughter of oxen, reisados, dramas, festivals and endless masquerading popular, in which the world is inverted and all truth is relativized. It is the laughter of the popular carnival, when the Empáfia, authoritarianism and all the deformation of the human soul are put into ridicule, flattened by the scathing criticism of the joy of the people.

Keywords: Theater. Brincante. Comedy. Popular traditions.

Aqui, começarei tratando do riso de modo geral. Primeiro, quero dizer que o riso pode ter todos os sentidos e significados, ele não é bom nem mau por natureza. Intenta-se que há o riso demoníaco e o riso dos deuses, e entre Deus e o Diabo há todas as nuances. Até porque o Diabo, nos Reisados do Cariri cearense tem o apelido de São Cão, e é, portanto, santo, além de ser alegre, bem alegre. Daí, que o riso tanto pode ser conservador, quanto subversivo. Mas, em todo o caso, ele nunca é totalmente afirmativo, pois ele sempre guarda alguma ambiguidade e algum distanciamento. Escondendo-se aí, a sua relativa vantagem.

Afirmando os propósitos deste artigo, quero dizer, em segundo lugar, que o riso é sério e, além de sério, é perigoso. Falam até que pega e é contagioso, pois, se acaso alguém rir, a tendência é este riso envolver outras pessoas e provocar uma grande gargalhada. E neste espaço está o perigo, porque o riso pode matar, como Homero já dizia: pode-se, literalmente, morrer de rir (Odisséia, XX, 345-346, in MINOIS, 2003, p. 26). Devo afirmar aqui que conheço gente que já morreu de rir, eu mesmo quase morri de rir. Inclusive, o que vocês estão vendo aqui sou eu depois que quase morri de rir, ou seja, uma cópia risível de mim mesmo. O que, afinal, pode parecer muito triste e até mesmo patético, mas não é, porque a morte pelo riso é a única morte da qual alguém pode se recuperar. Isto é, a morte pelo riso é, ao mesmo tempo, um renascimento, por isso, alguém que morreu de rir é um sujeito renovado, pois ele não aparenta a idade que tem. Porque, neste lançante, ele está purgado de toda a soberba, de tudo que é pretensioso e pernóstico, e talvez de mais alguns vícios de caráter como a luxúria e a avareza. Conclui-se, assim, que morrer de rir é como já ter ido à merda.

Para entendermos o que estou dizendo, é preciso saber o que significa mandar alguém à merda. Neste sentido, tem razão o povo, quando diz ser preciso, muitas vezes, colocar a mão na merda para chegar à mais alta teoria. Nesse nosso caso, para entender porque

alguém manda alguém à merda, é preciso primeiro saber onde estão os quatro elementos cósmicos em nosso corpo.

Aqui, destaca-se o entendimento do renomado linguista e antropólogo russo, Mikhail Bakhtin, na sua muito citada obra, “A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais”, observa que o homem tradicional concebe o corpo humano como um microcosmo. Isto porque, sendo o cosmos infinito e inacessível ao nosso conhecimento, raciocina o homem tradicional, nos cabe tirar o todo pela parte, ou seja, o inacessível pelo que é acessível, portanto, cada parte do cosmos, cada unidade do cosmos, reproduz o seu todo. Sendo assim, no corpo humano, acredita-se que o homem das sociedades tradicionais está presente em cada um dos quatro elementos cósmicos, ou seja, o ar, a água, o fogo e a terra. Aqui cabe-nos, então, saber, onde cada um desses elementos se localiza no corpo humano.

Senão, vejamos. O ar, onde está? Fica o suspense. Por certo está nas vias respiratórias, no sopro, na respiração e em outros ares mais turbulentos produzidos por nosso corpo. O sopro, dizem, é divino, angelical, o sopro de Deus, do Espírito Santo. Já estes ares mais turbulentos, alguns autores medievais se referem como sendo coisa do diabo. Nada, porém, está assegurado sobre esta afirmativa.

Passemos, então para a água. Este talvez seja o elemento mais fácil de localizar. É o que circula nas veias, artérias, o sangue, portanto, mas também é a transpiração, o suor, a lágrima e, lá vem de novo a turbulência, a urina e as secreções sexuais. Por sua vez, o fogo, este é mais difícil. Mas muitos dizem que está no sexo, porém nem só de turbulências sexuais vive o riso, desta forma, para o homem tradicional o fogo está no inferno corporal, onde as matérias são fundidas e confundidas, transformadas, portanto, no estômago. Daí que se diz estar com aquela queimação, para significar azia, ou seja, turbulências estomacais.

Finalmente, chega a vez da terra. Onde tal elemento cósmico se localiza em nosso corpo? Já ouviram falar em “arriar o barro”? Pois é, a terra é a merda que refeita em nosso corpo volta à sua origem, ou seja, ao chão. A merda é, como vimos, o barro de que foi feito Adão, o húmus para onde nós todos iremos retornar um dia, feito semente, e renascer como as plantas. Daí, quando alguém manda o outro para a merda, mais que um insulto, é um bom conselho. Neste conselho, ele está querendo dizer: sujeito se endireite, morra, jogue fora a merda que você tem na cabeça, e volte a ser gente. Não é à toa que quando alguém está raivoso e chato, se diz que ele está enfezado.

As maravilhas da merda, aliás, foram reconhecidas pelos alquimistas da Europa Medieval, que acreditavam poder encontrar ouro na sua quintessência. Para tal, trabalharam séculos buscando reduzir esta substância tantas vezes mal compreendida à sua mais pura condição, mas até hoje não se tem certeza se conseguiram. O rastro desta crença, porém, nos chega a atualidade, através da memória popular, seja em folhetos como o da história do cavalo que defecava dinheiro, seja em narrativas anônimas, em que os magos extraem ouro do nariz, como quem tira meleca, nos momentos em que são postos à prova. Adianto tão preciosas informações, porque, mais afrente veremos, que esta concepção mágica do mundo, inspirada no homem tradicional, está na base do riso brincante, tema central de nossa conversa.

Porém, antes disso, é preciso desbancar uma outra tese corrente nos meios acadêmicos e filosóficos. Disseram que o homem é o único animal que ri, parece que foi Aristóteles (ARISTÓTELES, Partes dos Animais, III, 10, 673a., in MINOIS, 2003 p. 72), mas eu tenho um amigo que discorda completamente desta afirmação, diz ele que todo animal ri, se duvidarem, até as pedras. Neste âmagô, nós é que não sabemos quando eles estão rindo, mas deveríamos procurar saber, para não sairmos por aí dizendo besteira, acrescenta meu amigo.

Segundo o dicionário Aurélio, rir significa numa primeira acepção, “contrair os músculos da face por efeito de impressão alegre ou cômica”, numa segunda, “mostrar-se alegre”, e numa terceira, “gracejar, zombar”. Pelo menos nesta segunda acepção, o cachorro, por exemplo, ri, pois se mostra alegre balançando o rabo, ri com o rabo, portanto; já o gato, segundo meu amigo, ri espichando o rabo. Porém, o problema começa com aqueles animais que não têm rabo, seja porque já nasceram sem rabo ou porque já deram. Eles têm que procurar rir com outra parte do corpo, que não seja o rabo. Diante desta concepção, é o que acontece com o homem e com as mulheres, também. As mulheres só têm rabo no sentido figurado, porque de fato elas não têm. Então, esses animais que não têm rabo, fazem como o macaco que ri com a boca, o que é o caso do homem. O homem só começou a rir com a boca depois que perdeu o rabo, mas discordei desse meu amigo, dizendo que o macaco tem rabo e mesmo assim ri com a boca. Entretanto, meu amigo pensou um pouco e retrucou, explicou que o macaco não ri com o rabo porque tem o rabo sempre ocupado, já que o utiliza para se pendurar nas árvores. Portanto, concluiu ele, só ri com o rabo aquele bicho, que não têm o rabo preso em canto algum. Aqui, abro parênteses, para dizer que também o homem ri com o corpo todo e, pelo menos, alguns deles não riem com a boca. Falo do caso dos homens mascarados, entre eles os artistas e, particularmente, um tipo de artista brincante de quem tratarei mais adiante, os brincantes mascarados dos Reisados de Careta. Afinal, como eles trazem máscaras, com a boca fixa ou mesmo sem boca, riem com o corpo todo, num riso muitas vezes mais largo e mais expressivo.

Mas, voltemos aos nossos estudiosos. Mesmo admitindo que os animais riem, alguns dizem que eles não contam piada, ou seja, não fazem rir, outro engano, continua aquele meu amigo. Os animais contam piada, ou seja, narram uma história para fazer os outros rirem. Nem precisa apelar para o papagaio que até fala e ficou famoso por suas piadas, vamos ficar mesmo nos que não sabem falar com a língua.

Então, neste sentido, eles apelam para o corpo, falam com o corpo todo. É o caso dos animais que brincam, vejam o macaco: ele narra com o corpo e faz a gente rir, tanto que chamam de macacada, quando o homem começa a fazer gracinha ou mungango, querendo, que os outros riam. Portanto, ainda segundo esse meu amigo, está reprovada a tese de que o homem é o único animal que ri e conta piada, tese que, aqui para nós, denota uma pretensão muito besta do homem de querer ser melhor que os outros, de querer se apartar dos outros seres da natureza e ainda se colocar acima deles.

Lembrei da tese desse meu amigo e toda a sua argumentação, para começar a falar do riso brincante, porque, em primeiro lugar, o riso brincante é o riso do ser humano que se vê parte da natureza e não acima dela. Este riso aparece sempre associado às forças da natureza, à fecundidade, à violência, às mutações e aos fenômenos mais inesperados, destaca-se que sua alegria é uma alegria que nos irmana aos animais, às plantas e aos demais elementos da natureza, porque dela é íntima. É o riso descoberto em uma gruta da Itália, desenhado ainda na pré-história, em que todos os seres imbricam-se, numa metamorfose ambulante, como diria Raul Seixas, ou melhor, numa metamorfose constante, em que plantas, animais, seres humanos, montanhas, vulcões e cascatas, estrelas, planetas e asteroides são parte de um único e imenso corpo cósmico. Daí surgem os homens e as mulheres plantas e os animais humanizados, nos ritos dos carnavais, das festas e dos folguedos populares. Daí, nos homens, têm-se nas barbas de bode, as orelhas de quati, os chifres de touro, os rabos de folha de palmeira, os jardins plantados na cabeça. Daí, nas emas, as pernas de menina, nos macacos, os óculos, e os vestidos, até nas pulgas. Daí, encontram-se os gigantes que urinam perfume, os alegres espantalhos feitos com caveiras de animais, os corpos sempre incompletos e deformados. Por ter sido descoberta numa gruta, pelo menos em uma das suas formas mais exemplares, a esse modo de ver o mundo se deu o nome de grotesco, o que não tem nada a ver com

grosseiro, como alguns pensam. É um modo de ver o mundo dos seres humanos que vivem imersos na natureza, e convivem com ela, tal qual os demais seres.

Portanto, o riso brincante tem muito de grotesco, neste sentido, é o riso solto da vogal A. Alguém já observou que se pode rir com cada uma das vogais, senão, experimentem! O riso com o E é meio sarcástico. O riso com I tem alguma coisa de zombeteiro! O riso com O é o riso do Papai Noel. O riso com U é um tanto tétrico. Agora, o riso com A é aberto, franco. Assim sendo, o riso com A é o riso brincante, que nada esconde, escancarado, gratuito, riso que é puro jogo, brincadeira, só divertimento.

Destaca-se que no Ceará, entre os diversos tipos de Reisado, dois são os mais comuns: o Reisado de Congos e o Reisado de Caretas. Os Reisados, como sabemos, são a reedição do cortejo dos Santos Reis Magos, em direção a Belém, para visitar o Menino Deus. Cortejo, que é formado por trabalhadores pobres nas figuras de Reis, Rainhas, Príncipes, Princesas, Embaixadores e Guerreiros, mas também de Mateus, no caso dos Reisados de Congo; ou por uma família de Caretas e Papangus, no caso dos Reisados de Caretas.

Os mestres e os brincantes populares costumam justificar a existência desses dois tipos de Reisados, através de uma explicação bem engenhosa, na qual, o Reisado de Congos é o cortejo da ida, durante o qual os Reis iam travando batalhas contra os infiéis, executando danças e canções guerreiras, além de encontrar animais exóticos, seres maravilhosos e tipos sociais dos mais variados. Já o Reisado de Caretas é o cortejo de volta, durante o qual os Reis vinham com o rosto escondido por máscaras, apresentando comédias. Diante deste quadro, esta diferença se explica, segundo mestres e brincantes, porque na ida a Belém, os Reis Magos teriam passado no Palácio de Herodes, que lhes teria pedido para, na volta, por ali passarem novamente, com o fim de dar notícias desse Menino Deus. Porém, como

os Reis Magos souberam das más intenções de Herodes, segundo os mesmos mestres e brincantes, eles resolveram passar, na volta, encaretados, como se fossem uma família de cômicos ambulantes, eles brincaram a noite inteira defronte ao palácio de Herodes, sem que fossem reconhecidos, e seguiram caminho logo depois.

Além da explicação engenhosa para justificar a diferença entre os reisados, chama a atenção, nos dois casos, tratar-se de um cortejo de Santos Reis desencantados, ou seja, os brincantes, pessoas simples do povo, que durante o reisado, desencantam o deus que neles se esconde, incorporando figuras de santos e reis desencantados, para viver uma outra realidade, a realidade da festa popular, ou como diz Bakhtin, “a vida alegre do povo”. Esta dimensão da realidade instaurada pela festa popular é de todo diferente do “vale de lágrimas”, em que se transforma o mundo nos dias comuns, esta torna-se uma outra dimensão da realidade, do tempo e do espaço do sagrado, que são habitados por deuses que riem.

Assim, o riso brincante é o riso dos deuses que se permitem toda a liberdade e, inclusive, as maiores licenciosidades. Sendo o riso dos deuses que, também, não estão apartados da natureza e, como os demais seres, comem e cagam, choram e riem, trepam e procriam. O riso brincante, portanto, é um riso que humaniza os deuses e diviniza os homens.

Neste contexto, para dar nome aos bois, o riso brincante é o riso sem peias ou porteiras dos bois de brinquedo de um mundo que se chama Nordeste e de um Nordeste que se chama mundo. É o riso de imaginação desbragada dos reisados e comédias circenses. É o riso retumbante dos palhaços, Mateus, caretas e papangus. É o riso gratuito dos artistas ambulantes. É o riso desenfreado do canelau, dos sujos e dos pobres (mas alegres) diabos dos folguedos e dos carnavais, onde o povo é soberano. Pondera-se que em seu ambiente é feito dos terreiros, das ruas, das praças e das feiras populares. O riso brincante é o riso da

gentinha dos subúrbios e povoados, é o riso de Zorba, o Grego, ao dançar desesperadamente após uma catástrofe, na qual sua alegria faz parte da renovação cósmica, do movimento das galáxias, rebaixa tudo o que é autoritário e prepotente, relativiza a seriedade pretensiosa e exalta o aparecimento do novo. Por meio desse riso, diz-se que o homem não é melhor que um verme, nem pior que um deus.

O riso brincante é, por isso, o riso do mundo invertido, afinal ele trata de forma vulgar os assuntos tidos como mais graves, e de forma grave os assuntos tidos como mais vulgares. Mostrando, assim, a relatividade de tudo o que é estabelecido, por isso, os meninos respeitáveis e os velhos cômicos, as mulheres libidinosas e os homens pudicos. As catirinas feitas por homens adultos, as damas feitas por meninotes, os velhos feitos por mulheres, os reis corcundas, os anões príncipes, ricos e pobres, homens e mulheres, crianças e idosos que trocam papéis no mundo do riso. Mas é também um riso crítico, que rebaixa a avareza, a luxúria e outros vícios sociais. Afinal, no riso brincante toda deformidade de caráter se traduz sempre numa deformidade corporal, num tique nervoso ou num automatismo. Neste sentido, desmascara o falso moralismo ao mostrar que o que a pessoa é está inscrito em seu corpo e em suas ações, põe em confronto o que se diz e o que se faz. O riso brincante ri de quem não quer ser risível, de quem quer ser o que não é, mas é um riso restaurador, porque quase nunca personifica seu ataque. Ele trabalha com tipos genéricos, comuns às diferentes sociedades, muitas vezes arquetípicos e seu objetivo nunca é humilhar ou destruir o indivíduo, mas recuperá-lo para a convivência comunitária.

Destaca-se que o riso brincante é, principalmente, um riso coletivo. Um riso que se engendra em comunidade, que nasce da embriaguez comum, das relações íntimas e do contato corporal, entre brincantes e comunidade. Ele surge por meio do gracejo, da loa, do relaxo, da chalaça, pois parte das circunstâncias locais e momentâneas, inspirando o improvisado que surge no devir das relações que se

estabelecem dentro do brinquedo, embora use o lastro da memória comum. Na brincadeira, não se representa algo do passado, tudo é atual, efêmero e irrepetível, mas ao mesmo tempo eterno e infinito, como um presente em constante mutação que, a qualquer tempo e em qualquer espaço, possa tomar corpo na forma de um rito cômico, que é também um brinquedo sagrado.

Além disso, o riso brincante é, também, um riso sem peias, um riso nômade, livre e sem limites. Por isso ele usa as figuras cômicas nas festas e folguedos populares, as quais gozam de toda a liberdade, e elas são como a louca da casa, ou o coringa do baralho, podendo a qualquer momento interferir numa cena, como um elemento estranho que, de repente, se faz íntimo, ou tomar o lugar de qualquer outra figura, desde que seja uma figura limpa (como dizem os brincantes referindo-se às figuras sérias), para tirá-las do sério, destituí-las de suas auras e recolocá-las no mundo dos simples mortais. Neste sentido, o riso brincante é o contraponto dionisíaco à vida apolínea, é o espírito crítico, distanciado, mas sempre presente, a acompanhar toda pretensão ao verdadeiro, ao definitivo e ao acabado.

Agora, vou dar uma trégua a vocês e passar a citar exemplos com mais frequência, citando passagens de Reisados, colhidos no Ceará. Começo me anunciando ao dono da casa.

*Boa noite, meu Capitão,
Que venho chegando agora
Com um saco na cabeça
E com a bunda de fora.*

Para prosseguir, vou pedir a ajuda dessas duas figuras aqui presentes: o Comicozinho e o Comicozão. Continuando, vou dizer que o riso brincante é o riso da abundância e da fartura. Ainda, é o riso da São Saruê, do cordel nordestino; o riso da Terra sem Males dos índios

brasileiros; o riso do Paraíso Perdido, onde Adão e Eva andavam nus e inocentes, comendo o pão; ou o riso dos barrancos e dos que bebem o leite das pedras. Senão, vejamos esta carta, que os Caretas do Reisado de Cachoeira do Fogo, trouxeram para entregar ao Capitão, dono da casa por eles visitada:

*Boa noite, meu Capitão,
Tava doido pra lhe ver,
Venho trazendo uma carta
Que Deus mandou pra você.
Essa carta vem do céu
Eu vou ler pra você ver.
A carta diz o seguinte;
Caro amigo Capitão
Tu receba o Santo Reis
Lhe dê gorda criação,
E dê a cada Careta
Uma gratificação,
Dê uns três perus de roda,
Três galinhas, três capão,
Três alqueires de arroz,
Cinco sacos de feijão,
Setenta latas de óleo
Dez quilos de macarrão.
Pague bem às cantadeiras
E ao tocador de violão.
Quando for dia de festa
Pode gastar um milhão
Porque se não for assim,
Não recebe a salvação.
O Careta em missão
Do Santo Rei Abraão,
Pedi que você nos desse
Se cada casa pudesse
Uma gorda criação
Para temperar o pirão*

*Da festa de Santo Reis
Que se dá no dia seis.
Me diga se dá ou não?
Capitão: Dou!*

O Careta termina e diz: –Êita. Capitão o senhor quer falar com um Careta mais feio do que eu, meu Capitão? Neste momento, o outro Careta se apresenta:

*Me subi na bananeira
Me descí no mangará
Comi banana madura
Até a gata miá.
Só não comi as verdinhas
Com medo de entalá.
Êita, Caçula,
Abra a boca
e me engula
Um embornal
De rapadura.*

Estes tipos de versos, os Caretas chamam de Loas, ou lourdaças, pois eles acontecem quando, na abertura da porta, eles dedicam a brincadeira ao Capitão, como é chamado o dono da casa. Esta loa, agora, ouvi de um Careta do Reisado de Santana, assentamento que fica no município de Monsenhor Tabosa:

*Lá em casa, Capitão
Tem muita água cheirosa
Para o senhor se banhar
Tem uma rede limpinha
Para o senhor se deitar
Mel de abelha com farinha
Para o senhor merendar.*

*Mas traga sua mulher
Porque lá só tem a minha
Viu Capitão!*

Logo depois da abertura da porta, antes da dança começar, os Caretas pedem ao Capitão, a cachaça, que funciona como um vinho de Dionísio, também dizendo versos. Estes, agora, ele chamam de relaxos, porque são versos cômicos. Vamos mostrar uns relaxos de Chico Pendenza, Careta da Fazenda Capivara, em Pentecoste. O qual diz, improvisando:

*Deixei de beber cachaça
Tô comendo com farinha.
Eu peguei o trem errado
Fui até o fim da linha.
Mas num é de sua conta
Bote mais uma coisinha.*

Em seguida, o mesmo Careta fala como se estivesse rezando:

*Meu Deus
Me favoreça
Me dê juízo
Nessa cabeça.*

E continua louvando a cachaça:

*A Cachaça é moça branca
Filha dum homem trigueiro
Bebe branco, bebe preto
Bebe quem tem seu dinheiro.
Cachaça giribita
Feita do pau do capucho*

*Ela dá comigo no chão
Eu dou com ela no bucho.*

O Careta, em seguida, pergunta ao Capitão: – Está muito aprovado, Meu capitão? E ainda afirma:– Não é defeito eu beber.

Depois, continua nos relaxos.

*Cachaça giribita
Feita de cana caiana
Rogai por mim lá no céu
Minha santa soberana.
Se o santo Padre soubesse
O que é que a cana tem
Ele descia de Roma
Pra beber cana também.*

Terminado o relaxo, Chico Pendenza pede ao dono da casa:

- Bote mais uma coisinha aí, Capitão. Pode despejar!

Pode-se enfatizar que o riso brincante é também o riso da preguiça, da irresponsabilidade, o riso dos trabalhadores sem-terra de Pentecoste, enfim, o riso avesso ao trabalho cansativo e forçado. Ouçam o que disse um Careta, da Fazenda Capivara, antes de ir brincar no terreiro:

*Pois então vamos embora
Que eu estou bem avexado.
Vou levar uma redinha
Com o fundo remendado
Para armar bem por ali
Pois meu serviço é dormir.*

Ao mesmo tempo, o riso brincante é também o riso que antes exalta, para depois zombar da valentia, pois tem como pretexto louvar a valentia, o que acaba por ridicularizar o próprio valentão. Neste contexto, vejamos estes relaxos, feitos em Cachoeira do Fogo, logo após a abertura da porta:

*Uma vez lá no sertão
Dei um tapa num Careta,
Que a cara ficou roxa
E a venta ficou preta,
Que a boca ficou torta
E a perna ficou zambeta.*

Ou então, o relaxo do Reisado de Pai João, município de Aratuba, que evoca:

*Eu me chamo angico torto
Reverso quebra machado
De todo lado tem banda
De toda banda tem lado.
Sou que nem vara de doido
Batendo pra todo lado.*

Já na Fazenda Muquenzinho, no município de Pentecoste, também se zomba da valentia. Foi lá que ouvi, no ano passado, este relaxo:

*Diz o Careta: - Meu Capitão, posso dizer o meu nome
pra nós ir pro terreiro?
Responde, o Capitão: - Pode dizer!.
O Careta, então, vem com o relaxo:
Pois o meu nome é Francisco
Meu natural, eu não nego.
Nasci na tábua lascada
Me criei na caixa prego*

Depois, o Careta brinca com o dono da casa e sua mulher, ao dizer:

*A comadre tá dizendo
Que o compadre César Abel
Num levanta mais o prego!.*

E ele continua, o Careta, contando vantagem:

*Pois o meu nome é Francisco
Sou velho de opinião.
Apago fogo com gás
Rebato bala com a mão.
Quando fui me batizar
Naquela repartição
Levei tabefe do padre
E outros do sacristão
Rejeitei a São Mateus
E a São Sebastião.
O guarda me levou preso
Para aquela escuridão.
Viu, meu Capitão!
Carcereiro me bateu
Eu disse: sai beberrão!
Sabe onde fui escapar?
Lá debaixo do colchão.
Ainda deixei a cueca!
Num foi, meu Capitão!?*

A medida que prosseguem, nos relaxos dos Caretas, a valentia aumenta cada vez mais. Esses versos, agora, aparecem em Reisados de muitos municípios, com variantes. Mas a melhor delas, encontrei em Quixeramobim.

*Quando saí lá de casa
Minha mãe recomendou
Meu filho você não brigue
Que seu pai nunca brigou
Ainda hoje está doente
Duma pisa que levou.*

Já em Tamboril, os Caretas do Reisado de Aprazível, também contam vantagem:

*Saí do lado do poente,
Cheguei do lado nascente
Cheguei de cara com cara,
Estou com a cara de frente.
Alguém me bateu na cara
Bati com a boca no dente
Porque só levo na cara
Água fria e aguardente.*

Logo no Assentamento Santana, em Monsenhor Tabosa, os Caretas viram bicho, antes de alardear valentia:

*O meu nome é carijó
Mastigo mais não engulo
Manquejo mas não caxingo
Sou bicho de opinião
Apanho de aleijado
Dou num cego à traição.*

Depois, o Careta se volta para o dono da casa, cumprimentando-o:

*Boa noite meu capitão!
A como vai vosmicê?*

*Comendo carne de gado
Gozando muito prazer.
Cortando o cabelo de cima
Deixando o de baixo crescer.
Num foi, meu Capitão?*

Então, os Caretas desconfiam que quem matou o Boi foi o Capitão, mas ele nega. E diz o Careta Vaqueiro, brincando com as palavras:

*Se rapa, ripa sorrindo
Rindo rapa de ripar
Capitão tá muito bom
Duma surra de jucá.*

Continuando, o Careta Magarefe, do Reisado de Santana, apresenta ao Capitão um cacete, que leva na mão e faz às vezes de facão. Ele mostra e ameaça, brincando:

*Meu facão Colin
Que veio da Bahia
E corta macio
No pé da barguia.
Meu facão Colin
Que veio de Sobral
E corta macio
Lá no pé do pau.
Meu facão Colin
Que veio lá do Sul
E corta macio
Na beira do cu.*

Uma das figuras mais cômicas do Reisado é o Padre. Ele aparece, geralmente, no episódio do Boi, mas também pode surgir no final, para rezar junto ao Capitão. Neste contexto, um Careta, em Cachoeira do Fogo, mostra como o padre deve agir:

*O homem para ser padre,
Precisa ter bom estudo,
Dormir tarde acordar cedo,
Dá definição de tudo,
Pisar no chão devagar
Fazendo passo miúdo.*

Como os Mateus, no Reisado de Congo, os Caretas também rezam um Pelo Sinal, destaco que esta versão é minha. O Padre diz a oração, que é respondida por um Careta, ou pelo Mateus:

*PADRE: Pelo Sinal.
MATEUS: Dor de barriga em geral.
PADRE: Da Santa Cruz.
MATEUS: Quatro pratos de cuscuz.
PADRE: Livrai-nos Deus.
MATEUS: Num se esqueça do Mateus.
PADRE: Dos nossos.
MATEUS: Faço uma sopa dos ossos.
PADRE: Inimigos.
MATEUS: Quatro bocas, dois umbigos.
PADRE: Em nome do Pai.
MATEUS: Quando eu fico você vai.
PADRE: Do Filho.
MATEUS: Cinco terrinas de milho.
PADRE: Do Espírito Santo.
MATEUS: Tarde da noite inda janto.
PADRE: Amém.
MATEUS: Bebo da pinga também.*

Depois da reza, vem o sermão do Padre, enfatiza-se que este sermão é de Chico Pertença, Careta da Fazenda Capivara. Ele se volta para a plateia, mas antes de deitar sermão, comenta com o dono da casa:

Agora eu vou pregar o Simão bem ligeirinho! O pessoal já tá indo-se embora. Eu ainda tenho que fazer o casamento do Chichico com a Maria Francisquinha. Vou fazer o casamento da Maria e do Manuel, hoje, e o do Mário com Adriana. Venha cá, Mario, traga a rodinha logo pra botar no dedo da Adriana, que o negócio agora vai ser fedorento! Agora eu vou pregar o Simão muito pouco, aí depois eu aguento a oração.

E assim começa o sermão:

Essas mães de fãmia de hoje em dia, não sabe criar os filhos. Era diferente no tempo do meu Capitão, César Abel. No tempo de César Abel, o pai dele ensinava o Pelo Sinal, o Credo em Cruz, o Oratório e Sete Cruz. Hoje em dia esses diabos tão tudo doida. No lugar de comprar uma garrafa de cachaça e dar pra ele beber, compra sabe o quê? Aquele vidrinho de remédio, você sabe! No lugar de comprar revista de mulher nua pousando na Playboy, vai comprar é o diabo de uma enxada pro miserável trabalhar. (Alguém grita e o padre pede silêncio) Cala a boca, seu bico de oi de peba! O tamanho dos óio desse menino parece um bodó cozinhado na água quente! Eu lhe conheço. (Depois, continua o sermão) Aí, hoje em dia essas moças pegaram uma desgraça dum negócio de assistir diabo de novela, se empalhar, no lugar delas ir namorar cedo, enquanto a lua não sai, no escuro, que era melhor, viu! E agora tem mais isso, a sinhá diz pra filha dela: “Aí, minha filha só vai namorar se for mais a comadre Toinha”! Aí comadre Toinha pega uma picada de caminho e diz: vão andando que eu vou acender meu pitoco. Aí o cabra vai-se com o diabo. Ôh, coisa bonita! Era pra botar esses diabo era sozinha mais o namorado, porque elas tinham direito de ir pra debaixo de uma moita, ir pra debaixo de uma barreira. Faltava energia, escondia acolá pro detrás,

ninguém tava vendo. Outra, esses pais de família tão errado. Dizem: Só deixo minha filha namorar no claro. Namorar é no escuro, que no escuro num tem quem dê fé. E se passar um, dois ou três, num vê nada. Estão todos dois encolhido ali, se beijando. Tal vira e mexe num é pecado.

Terminado o sermão, o Padre se queixa ao dono da casa: “E eu nunca mais venho celebrar uma missa aqui, viu seu César, porque aqui num tem estrada, e eu num posso sair de lá que quando eu saio do convento as freiras fica tudo virando bicho!”

Mas, para terminar, o Padre faz a última oração:

*Salve Rainha rogai por nós.
O corno velho morreu
Por detrás do avelós.
Deixou a casa pros filhos
E a mulher para nós.*

Entende-se que o riso brincante é o riso que desfaz das instituições mais sagradas, visto que na repartição do Boi, faz uma espécie de paródia alegre, tanto do testamento distribuindo heranças, quanto da comunhão católica. Ainda, a repartição se faz, brincando com a plateia. E aí vem outra característica do riso brincante, como já dissemos, o de ser um riso comunitário, do qual todos compartilham. Vejamos.

*Seu Antõe Geraldo, assim mesmo é
Nosso Boi morreu, assim mesmo é
Quebrou o pescoço
Na beira do poço.
Quebrou a costela
Lá pela cancela.
Morreu foi de fome,*

*Mas porém se come.
Morreu de tinguí,
Lá no Piauí.
Mas agora o Boi
Vamos repartir.
Do meu Boi o caldo/ é do Seu Reinaldo.
E do Boi a mão/é do seu João.
Do meu Boi o dente/ é do Presidente
Do Boi a gula/vai pro velho Lula.
O chifre direito/fica pro Prefeito
E o corredor/pro Governador.
E do Boi o ovo/pro jornal O Povo
A tripa gadeira/ pra moça solteira
A tripa mais fina/vai para a menina
A tripa cagada/pra mulher casada.
E o sobreco/vai pros urubus.
Do meu Boi o rabo/ vai para o Diabo.
Do meu Boi o fundo/vai pro vagabundo.
E o mocotó/vai pra sua avó.
E do Boi a testa/vai pra quem não presta.
E do boi o figo/vai ficar comigo.
Costela mindim/ vem também pra mim.*

Essa intimidade dos brincantes com os bichos não é apenas com o Boi, mas com plantas e animais, em geral. O riso brincante, como já vimos, é o riso do homem que se vê como parte da natureza; ele brinca e dialoga com ela e se faz um igual aos demais seres. Além disso, é o riso do tempo em que os bichos e as plantas falavam; é um riso que tudo relativiza, inclusive a feiura e a beleza. Neste contexto, vejamos este relaxo de Manuel Torrado, Careta veterano da localidade de Poço da Onça, lá em Miráíma. Manuel Torrado brinca, dizendo o que já viu:

*Um preá escreveu uma carta
Avisando ao tucunaré
Que não podia morar*

*Na serra de Baturité.
Que cada baixa tinha um furo
Cada buraco um mundé.
Risquei sete palito
Acendi sete candeia
Peiei sete cavalo
Cada um com sete peia.
Namorei com sete moça
Três bonita e quatro feia
A mais bonita que tinha
Parecia uma abêia.*

Como ouvimos, Manoel Torrado ainda mexe com a beleza das moças, mas quem também se troca com os bichos é seu Antônio Piauí, mestre de Reisado de Quixeramobim. Ele começa brincando com as meninas e acaba segurando um bode. Ouçam:

*Você não viu o que eu vi
Na beira da camarinha,
Cinco meninas mamando
No peito de uma galinha.
Menina segura o bode
Esse bode quer fugir.
O danado desse bode
Tá fedendo a gasolina
Ele agora vai mamar
Na pobre da Catirina.*

*Dona Hosana, do Reisado de Campestre da
Penha, município de Beberibe, também confessa seu
caso com um bode. Num relaxo, ela diz:*

*Quem tem barba puxa barba
Quem num tem puxa bigode
Como eu num tenho barba*

Puxo na barba do bode.

Já seu José de Souza, do Reisado de Pai João, lá de Aratuba, “vira bicho”, ainda na Abertura da Porta. Ele canta assim:

*Eu cheguei em vossa porta
Pus a mão na fechadura
Eu falei, tu não falaste
Coração de pedra dura.
Eu cheguei em vossa porta
Na figura de um macaco
Se vós num abrir a porta
Mergulho pelo buraco.*

Os Caretas da família Ramos, do assentamento de Ipueira da Vaca, município de Canindé, alardeiam valentia, virando bicho e contando vantagem. Eles dizem:

*Sou cascavel de vereda
Sou besouro mangangá
Sou que nem a dor de dente
Quando pega a pinicar.
No lugar que eu tomo banho
Cabra nenhum toma pé,
Piaba porque num pode
Camarão porque num quer.*

Mas o melhor fica para os Mateus, do Crato e do Juazeiro do Norte. Além de falar mal da intimidade dos animais, ainda descobrem o segredo das meninas. Ao que eles rimam:

*A Burrinha do meu amo
Tem um buraco no cu,
Foi o rato que roeu*

*Pensando que era beiju.
Quando eu era pequenino
Que andava de ceroula
As meninas me chamavam
Pra pegar na minha rola.*

Além disso, os bichos servem, aos Caretas, não só para dizer inconveniências, como acontece em Aratuba, lá eles botam os bichos para rimar, antes de fazerem críticas sociais. Ouçam o que diz um Careta Vaqueiro, quando estava “topando” o Boi:

*Corre o pato atrás da pata
Corre o ganso atrás da gansa
O pobre atrás do sossego
O rico atrás da ganância.*

Destaca-se que o riso brincante, como já vimos, é o riso dionisíaco, avesso a tudo o que é apolíneo, equilibrado, harmonioso. Ele cultiva formas não acabadas, em permanente transformação, por isso beleza e feiura, nele, se confundem, se relativizam, como podemos perceber nestes relaxos apanhados em Quixeramobim e em Granja. O primeiro, ouvi de Antônio Piauí, que diz:

*A moça pra ser bonita
Precisa ter perna torta
Ter uma verruga no ôio
E ter carcunda nas costas.*

O segundo relaxo, quem rimou foi João, do Reisado do Prado, município de Granja, improvisando na hora:

*Quem tiver sua moça velha
Tranque dentro de um caixão*

*Que daqui pra trinta e sete
Moça velha vira cão.
Quem tiver sua moça nova
Vá botando na corrente
Que daqui pra trinta e sete
Moça nova morde a gente.*

Mexendo com temas variados, o riso brincante é puro jogo, pois brinca com os sons e as significações, trocando palavras e sentidos, num devir aleatório e divertido. Os repentes seguintes são dos Caretas do Reisado de Aprazível, em Tamboril.

*Pergunta, o Capitão: Quem foi que matou o boi, foi você
Careta?*

*Responde, o Careta: Não fui eu não!
la passando em Canindé,
Passei debaixo de um pé
Era um pé de tangerina...*

*Pergunta o Capitão: - Quem matou o Boi?
Foi a Catirina. Responde o Careta.*

Assim como se misturam com os bichos e as plantas, os Caretas entrançam as palavras. É o que exemplifica o próximo relaxo, um aboio, também do Reisado de Aprazível:

*Olha o boi, vaqueiro!
Valha-me Nossa Senhora!
Esse boi me deu um coice
Me jogou de rede fora.
Na corcunda dessa pulga
Tem gente jogando bola.
São dez do lado de dentro
E dez do lado de fora.
Dois dos dez são marinheiro,
Dez dos dois são mariola.*

Conforme se nota, no riso dos Caretas há temas e termos recorrentes, que envolvem brincadeiras com palavras de duplo ou múltiplo sentidos. Além de figuras e personagens que transitam entre os Reisados e os brinquedos dos outros, atravessando gerações, fragmentando-se em mil partes, repartindo-se em metáforas e alusões. Uma dessas figuras que corre serras, sertões e cidades, transita por sítios e povoados, papa léguas e séculos, é a do Pinto Pelado, que em muitos casos também ganha o nome feminino de Pinta Pelada. Nos dois casos, trata-se de uma alusão cômica ao formato e à potência do órgão sexual masculino.

O próximo relaxo é encontrado por quase todo o Ceará e pelo Brasil afora. Esta versão, ouvimos inicialmente em Quixadá, no Reisado de Boa Água, que diz:

*Menina case comigo
Você não morre de fome.
Lá em casa tem u'a pinta
Nós mata ela e nos come.
De dia tu come a pinta
De noite a pinta te come.*

Lá no assentamento de Alto Alegre, também em Quixadá, esta pinta vira pinto e sinônimo de abundância. No improviso de Nonato Pio, o tal Pelado cresce e faz até uma reforma agrária. Aqui, logo que o Capitão dono da casa abre a porta, o Careta diz:

*Boa noite, meu Padrim!
Como vai, como passou?
Na figura de Careta
Na sua casa eu estou.
Eu me chamo angico torto,
Reverso quebra machado,*

*Cavo cacimba no seco,
Dou embaixo no molhado,
De manhã eu tiro leite,
De tarde pastoro o gado,
Só quero que não me mande,
Na rua comprar fiado,
Que fiado me dá pena,
E pena me dá cuidado.
Minha mãe me deu um bode,
Eu vendi o bode fiado,
Ao cabo de quinze dias,
Recebi foi um Pelado.
Botei ele na cumbuca,
Fui pra roça trabalhar,
Quando voltei lá pra casa,
A cumbuca achei quebrada.
Pelado tava no mundo
Careci eu de caçar.
Cheguei atrás do roçado,
Encontrei o meu Pelado,
Bem torto e desajeitado.
Botei debaixo do braço,
Era meu Pinto Pelado.
Quando cheguei lá em casa
Achei dois cabra arranchado
Me disseram com certeza
Que era um Pinto pelado.
Eu fui e disse que não
Que era um capão cevado.
Então, entrei para dentro,
Mandei do pinto tratar.
Saiu um pinto cozido,
Saiu um pinto escaldado,
Saiu pinto em caldo fino,
Saiu pinto em caldo grosso,
Saiu pinto com farofa,*

*Saiu pinto com arroz.
Quando acabei de almoçar,
Fui comer a sobremesa.
Com tudo aquilo provado
Os dois homens arranchados
Foram me pagar na mesa,
Cada qual tirou do bolso
Cem cruzeiros, que é cruzado.
Eu subi pro Piauí
Fui fazer compra de gado,
Comprei dez vacas paridas
Comprei dez vacas moçadas,
Comprei dez burros castanhos,
Comprei dez burros melados,
Comprei um pai de chiqueiro,
E um carneiro arrevirado,
Comprei uma posse de terra
Deixei tudo assituado.*

Já no Reisado de Aprazível, município de Tamboril, a carne desse pinto dá até banquete de casamento, como contou-me lá um Careta:

*Ajustei um casamento,
Lá na serra da Candeia.
Eu pensei que era moça
O diabo de uma véia.
Mas a véia se danou-se
Pariu dez na barrigada.
Um desejou comer anum,
Ficou nove morreu um.
Um desejou comer arroz,
Ficou oito, morreu dois.
Um desejou comer torrês,
Ficou sete morreu três.*

*Um desejou comer um pato,
Ficou seis e morreu quatro.
Um desejou comer um pinto,
Ficou cinco, morreu cinco.
Um desejou comer inglês,
Ficou quatro morreu seis.
Um desejou jogar valete,
Ficou três e morreu sete.
Um desejou comer biscoito,
Ficou dois e morreu oito.
Um desejou dois automóvel,
Ficou um e morreu nove
E desse um que ficou
Troquei por Pinto Pelado.
Pra matança desse pinto
Preparei um bom machado.
Era um pinto muito grande
Foram cem os convidados.*

Pra terminar, vamos dizer a letra de uma cantiga que eu ouvi, dos Caretas de Pai João, em Aratuba. Primeiro, todos cantam:

Vadeia, pinta, vadeia, pintinha do Ceará.

Depois, um Careta pergunta:

*Cadê o dono da Pinta
Que eu quero comprar costela?*

Neste momento, o Capitão responde:

*Cada costela da pinta,
vale três moça donzela.*

Então, o Careta resolve:

*Isto assim já me agrada
Isto assim já me convém.
Fico já com sua pinta
E as donzelas também.*

Que tal, gostaram do Pinto Pelado? Ou da Pinta Pelada, conforme for o caso e o gosto do freguês.

Referências |

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi, 2ª edição, São Paulo: Hucitec/Edunb, 1993.

MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.